

## Outros Textos para o Ensino do Latim: um Epigrama de Marcial

*Cristina de Sousa Pimentel\**

Propõem os novos programas de Latim para o Ensino Secundário um reduzidíssimo leque de Autores que, embora de forma geral sugestivo, deixa de parte muitos outros que, pela sua importância cultural ou pelo papel fundamental desempenhado na Literatura Latina, me parece imperdoável terem sido esquecidos. Dir-se-á que é impossível ver mais que quatro ou cinco autores num ano. Não discordo. Já discordo, porém, que se escolham duas obras de César e três de Cícero<sup>(1)</sup> no 11º ano e se ignorem por completo autores como Séneca ou Plínio o Moço. Dir-se-á ainda que é necessário optar por autores que permitam uma abordagem mais dulcificada do Latim. Também não discordo. Já discordo, porém, que se opte pelos talvez apenas tradicionalmente fáceis Fedro e César ou pelo tantas vezes complicado Cícero, em detrimento de autores como os dois que referi ou Catulo, Ovídio, Catão, Tácito, Juvenal ou Marcial.

Gravíssima me parece, ainda, a atitude redutora que consiste em deixar nas trevas um século como o I d.C., consabidamente tão importante e rico em seus conflitos e valores como o I a.C., largamente representado. A verdade é que esse século desperta em geral um interesse peculiar por parte dos alunos, que o conhecem quanto mais não seja de filmes sobre o tempo de Nero e da paixão de Cristo.

Tal falta, irremissível como a que se cometerá para com todos aqueles que não fizerem o 12º ano e, por isso, não lerão um só verso de Vergílio, não será colmatada a menos que os estudantes a quem estes programas se dirigem tenham a singular fortuna (ou o atroz infortúnio) de ingressarem na Faculdade de Letras e aí seguirem os seus estudos de Latim.

Ora, é precisamente sobre um dos esquecidos autores que mencionei que pretendo reflectir. Marcial viveu uma época particularmente rica: chegou a Roma, vindo de *Bilbilis*, na *Hispania*, durante o principado de Nero; assistiu à desgraça de Séneca, Lucano, Petrónio; viu a morte do déspota e viveu o ano dos 4 Imperadores; aguardou ainda os 10 anos de governo de Vespasiano e, em 80, já com Tito, assistiu deslumbrado aos 100 dias de Jogos na inauguração do Anfiteatro dos Flávios, sobre os quais escreveu um 1º Livro de Epigramas que lhe valeu o

---

\* Assistente do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

reconhecimento oficial do *princeps*. Tornou-se então um dos mais insistentes apoiantes da política dos Flávios e, durante os 15 anos do principado de Domiciano, não se cansou de cantar as glórias da época e do divino *dux*. Quando, porém, Domiciano foi assassinado e sobre ele pesou a *damnatio memoriae*, Marcial ainda tentou manter a sua posição de privilégio junto de Nerva e Trajano. Os tempos e a orientação política, todavia, eram outros. Pesava ao poeta, além disso, uma densa nostalgia da *Hispania* e um profundo cansaço da vida em Roma, turbulenta e progressivamente desumanizada. Regressa, por isso, à terra natal, pensando ter encontrado o caminho da serenidade, mas cedo compreende o erro que cometeu. Faltam-lhe os amigos, as conversas, os jantares, as ruas de Roma, a cultura que aí se vivia intensamente. Antes de morrer, escreve ainda um último livro, mas apenas depois de instado por um amigo de longa data, e envia-o para Roma.

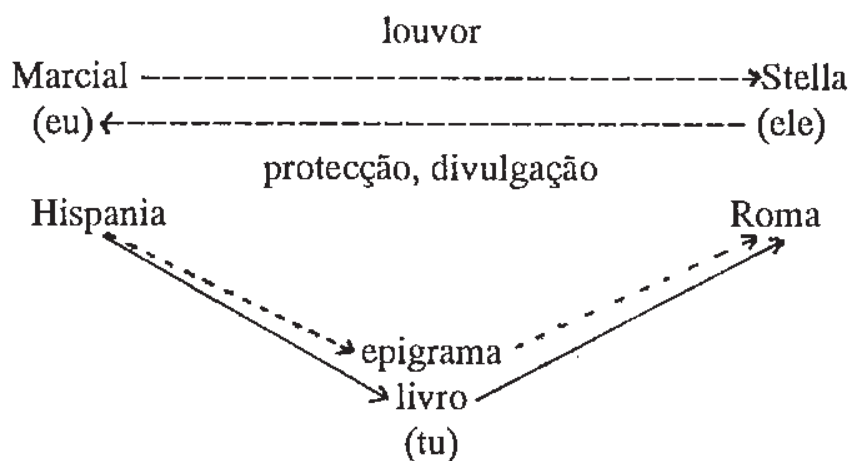
É desse momento que nos fala o epigrama XII 2(3) e é esse poema que vos proponho como hipótese de trabalho.<sup>(2)</sup>

Ad populos mitti qui nuper ab urbe solebas,  
 ibis io Romam nunc peregrine liber  
 auriferi de gente Tagi tetricique Salonis,  
 dat patrios amnes quos mihi terra potens.  
 5 Non tamen hospes eris nec iam potes aduena dici,  
 cuius habet fratres tot domus alta Remi.  
 Iure tuo ueneranda noui pete limina templi,  
 reddita Pierio sunt ubi tecta choro.  
 Vel si malueris, prima gradiere Subura;  
 10 atria sunt illic consulis alta mei:  
 laurigeros habitat facundus Stella penatis,  
 clarus Hyanteae Stella sititor aquae;  
 fons ibi Castalius uitreo torrente superbit,  
 unde nouem dominas saepe bibisse ferunt:  
 15 ille dabit populo patribusque equitique legendum  
 nec nimium siccis perleget ipse genis.  
 Quid titulum poscis? Versus duo tresue legantur,  
 clamabunt omnes te, liber, esse meum.

O nível a que este texto pode ser explorado não é com certeza o da iniciação mas, num 2º ano de aprendizagem do Latim, parece-me exequível em termos de dificuldade do léxico e de estruturas gramaticais. Feita uma breve apresentação da situação vivida por Marcial e das circunstâncias que rodeiam a elaboração do epigrama, o que se propõe é a sua análise como forma de nele encontrar marcas e testemunhos dessa situação.

## A – O Destinatário

Comece-se por destacar a apóstrofe dos vv. 2 e 18: os vocativos *peregrine liber* e *liber*. O livro, a quem o poeta recomenda que vá a Roma prolongar a glória de seus irmãos, não é, porém, o verdadeiro destinatário. Funciona como um intermediário entre Marcial, longe na *Hispania*, e um seu amigo e *patronus* de há muitos anos, também poeta e agora finalmente cônsul, *Lucius Arruntius Stella*. Destaque-se, assim, o seu nome, repetido nos vv. 11 e 12, vindo no realce que lhe é dado a saudade que aperta e a importância que ele tem para o poeta, como amigo mas sobretudo como futuro protector e divulgador da sua obra em Roma. Estabelece-se, assim, um circuito de troca entre Marcial e Stella que pode representar-se em esquema:



O livro funciona ainda como uma projecção do poeta, em seus temores e sentimentos: destaquem-se todas as personificações em que o sujeito é *liber* (vv.1, 2, 5...).

## B – O Emissor

Inquieto perante a hipótese de ter já sido um pouco esquecido pelo público que outrora o admirava, desencantado ainda com o seu regresso a *Bilbilis* e o afastamento da Urbe — saliente-se a emoção e a inquietude da interjeição *io* no v.2 — Marcial lembra ao livro que não será um hóspede nem um recém-chegado a Roma — sublinhe-se a lítotes do v.5, *non tamen hospes eris...nec aduena* — e que é seu direito (*iure tuo*, v.7) aí ser recebido. Estabelecendo um contraste entre o sítio onde agora está e onde apesar de tudo se orgulha de ter nascido e a grande

capital para onde terá de enviar a sua obra — não é impunemente que *Romam* (v.2) e *Tagi* (v.3) se colocam metricamente antes da cesura dos respectivos pentâmetro e hexâmetro — o poeta toma novas cautelas ao dizer onde e a quem deve o livro dirigir-se.

### C – O Local

1. *Donde* parte o livro (vv. 3–4). A *Hispania* é o local simultaneamente esplendoroso e agreste donde o livro sairá. Essa é a dupla perspectiva material e psicológica pela qual o poeta vê agora a sua terra. Orgulho e decepção, riqueza e incultura, saudade e repulsa.

Comentem-se os adjectivos que caracterizam este duplo prisma: *auriferi...* *Tagi* / *tetrici Salonis* (v. 3); *patrios amnes* / *terra potens* (v.4).

2. Para onde parte o livro. Em 1º lugar, uma indicação de carácter geral: *Romam* (v.2) e uma caracterização contrastante com a *Hispania*: *domus alta Remi* (v. 6). Em seguida, a 1ª hipótese (vv. 7–8).

Na interpretação de H. J. IZAAC,<sup>(3)</sup> " il s'agit ici du *Templum Diui Augusti*, bâti sur la pente du Palatin faisant face au Capitole, et souvent désigné sous le nom de *Templum Nouum*. Contre ses murailles, Tibère avait élevé une salle de bibliothèque dédiée aux Muses. Incendiée sous Néron, elle fut reconstruite par Domitien, qui semble l'avoir déplacée, peut-être à la suite d'un nouvel incendie. Trajan la remit à son ancienne place."

Assim, Marcial refere explicitamente um lugar que se prende com o momento político e o *princeps* da altura, Trajano. Embora longe de Roma, o poeta mostra-se conhecedor do que aí se vai passando, dos acontecimentos e actos políticos mais relevantes (como é o caso ainda da eleição-designação de *Stella*), de que vai dando conta e favorável eco, como sempre quis e soube fazer.

Retenham-se os adjectivos *noui templi* (v.7) e o gerundivo *ueneranda limina* (v. 7) como marca da saudade com que se lembra um local onde não se está mais mas se continua a venerar; frise-se também o valor de todos os advérbios (*ubi*, v.8 e, depois ainda, *illic*, v.10 e *ibi*, v.13) que mostram Roma tão presente e nítida na memória de Marcial que dela fala como se a estivesse a ver, evocando por imagens e sentidas emoções lugares bem seus conhecidos e amados, de que sente agudamente a falta.

Articulada com a 1ª hipótese, *uel si malueris* (v.9), a 2ª opção, decisivamente a escolha certa (vv.9–14): a casa de *Stella*.

Dessa casa e de seu dono se dá encomiástico retrato. Não só se refere a grandeza, a riqueza e o esplendor da mansão (reflexo dos vastos recursos materiais mas também dos gostos requintados do seu *dominus*), como se alude à magistratura e às qualidades do próprio *Stella*.



Retome-se a análise dos adjetivos e o que eles revelam sobre *Stella*: *atria alta* (v.10) mostra a magnificência com que vivia mas também, por hipálage, o seu próprio valor; *laurigeros penatis* (v.11) refere as suas importantes responsabilidades, recentemente acrescidas agora que é cônsul, e subentende de novo o seu valor, já que foi considerado digno de tal honra; *facundus Stella* (v.11), *clarus ...Stella* (v.12) louvam directamente o desejado patrono de Marcial, o seu ingenium especial; *fons Castalius* e *uitreo* torrente (v.13) destacam um poeta de talento superior e pura inspiração.

Assim estão reunidas todas as características que fazem de *Stella* a pessoa indicada para prestar a Marcial a atenção e o apoio que dele espera o poeta. Acresce ainda uma característica: a amizade que lhe votou desde sempre. Sobre essa certeza repousa Marcial e por isso o refere como *consulis mei* (v. 10), reafirmando a reciprocidade dos sentimentos, ou o antevê lendo emocionado a sua poesia — registre-se nova lítotes no v.16, *nec nimium siccis perleget ipse genis*, além do valor enfático dos pronomes *ipse* (v.16) e *ille* (. 15) que o apontam como o mais indicado para cumprir os desejos de Marcial na divulgação empenhada deste novo livro. O poeta sabe ainda que *Stella* o dará a conhecer a todos sem excepção: é isso que traduz com o polissíndeto do v.15 (*populo patribusque equitique*). Do mais humilde ao mais importante *ciuis*, todos em Roma conhecerão esta última recolha de poesias do Bilbilitano.

Tal certeza embala o poeta ao ponto de quase perder o receio de ser mal recebido pela crítica e ignorado pelo público. Analise-se o dístico final com a sua interrogação retórica, *quid titulum poscis?* e a hipérbole confiante de *uersus duo tresue legantur, / clamabunt omnes te, liber, esse meum*. Recupere-se o 1º vocativo, *peregrine liber* (v.2), e comente-se o significado da ausência do adjetivo no último verso: após ter conseguido o apoio de *Stella*, o livro estará de novo em sua pátria e no gozo pleno de seus direitos.

## D – O Tempo

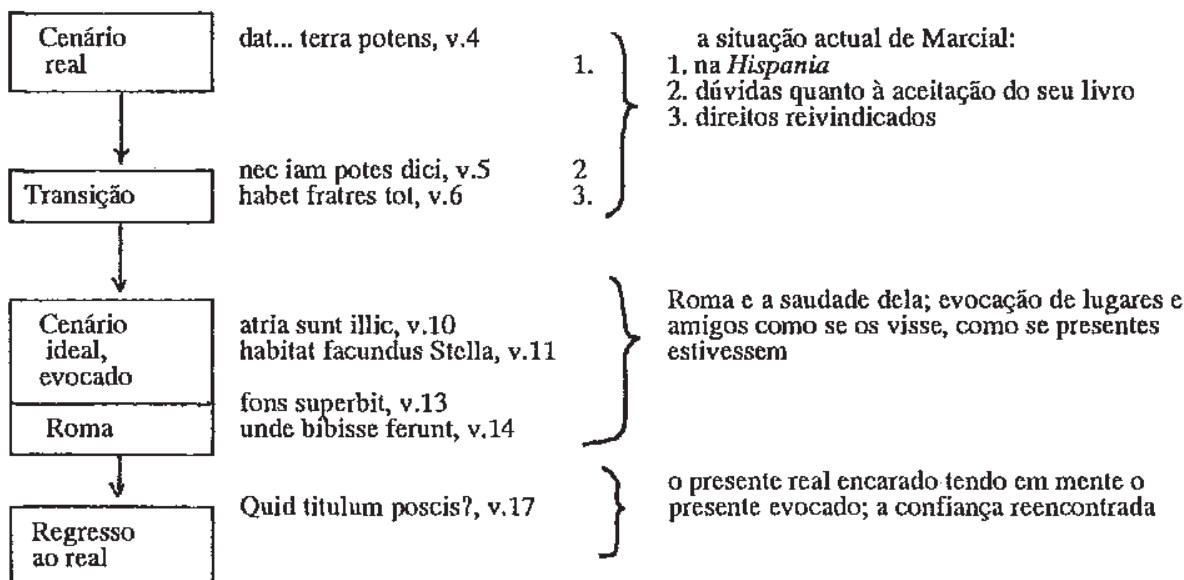
Se partirmos da análise de três advérbios (*nuper*, v.1; *nunc*, v.2 e *iam*, v.5) veremos que os dois primeiros estabelecem a oposição entre um tempo passado (a que corresponde um espaço, Roma) e um tempo presente (caracterizado mais pelo afastamento da capital do que pela presença em *Bilbilis*). *Iam*, por seu turno, realça o pouco tempo decorrido entre o momento em que deixou Roma e aquele em que envia o livro à apreciação dos Romanos. Esse curto intervalo deixa bem claro o absurdo — ainda assim temido — de ter já sido esquecido o seu valor na exigente mas ingrata Urbe. Comente-se ainda o contraste entre os sintagmas *ad populos* e *ab urbe* (v.1) revelador da situação de outrora, oposta àquela a que agora se vê confinado o poeta e a sua obra.

É, no entanto, a análise das categorias verbais tempo, modo e aspecto que mais sugestiva torna a leitura deste epigrama e, de um modo geral, concentra em

si todas as ideias fundamentais que fomos deixando dispersas.

Por isso me parece útil que se encerre a preparação do texto de Marcial com a construção de um quadro de que damos um exemplo possível:

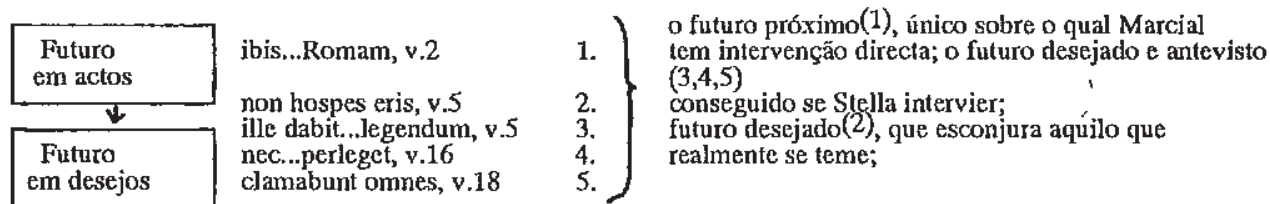
### PRESENTE DO INDICATIVO



### IMPERFEITO DO INDICATIVO



### FUTURO DO INDICATIVO



### IMPERATIVO PRESENTE



### CONJUNTIVO PRESENTE



O trabalho poderá parecer minucioso e, em alguns aspectos, desnecessário ou demasiado especializado. Não creio, disse-o já muitas vezes, que seja obrigatório considerarmos que os alunos -- sobretudo de um nível complementar -- são incapazes de apreciar um texto literário latino enquanto tal. Se o professor quiser acompanhá-los e orientá-los nessa fruição, talvez a surpresa de uma tradução não escolar e pouco literal recompense aqueles que não se ativerem ao estafado exercício da análise gramatical seguida de tradução em que mal se reconhece o texto original.

Para os que não sentirem coragem para tal aventura, o epigrama de Marcial que vos proponho é ainda uma fonte inesgotável de exercícios morfológicos e sintáticos de que me dispenso de dar exemplos.

Não creio, porém, ser essa a forma de cativarmos os nossos alunos nem muito menos de apostarmos na sua sensibilidade e inteligência, que o estudo do Latim deve despertar ou aperfeiçoar. Nunca, por nunca ser, contribuir para que morram ou cristalizem.

#### NOTAS

- (1) Cícero é ainda amplamente retomado no 12º ano, com o estudo do *De senectute*, do *Pro Archia* e das *Cartas*.
- (2) Seguimos a edição das Belles-Lettres, de H.J.Izaac.
- (3) *Op. cit.*, vol.II (2 ème partie), p.288 (n.6 à p.157).